

GENTRIFICAÇÃO NA ÁREA CENTRAL DE TIRADENTES/MG

gentrification in the central area of Tiradentes/MG

Helcio Ribeiro Campos *

Resumo

Tiradentes surgiu no Caminho do Ouro, em 1702. Após essa fase e o fim do ouro, ocorre uma decadência econômica, deixando a cidade com construções baixas e amplos espaços urbanos, quando chegou a haver até recuo no número de habitantes. Porém, isso preservou seu patrimônio histórico e arquitetônico, tornando a cidade atrativa para vários setores. Por isso, a hegemonia econômica foi implantada via atividade turística, se fortalecendo a partir dos anos 1980. O turismo inaugura e marca um período em que as modificações foram aceleradas e que vêm conduzindo a atual formação da cidade: imigrações; encarecimento dos imóveis; questões de gentrificação no Centro; expansão urbana periférica em loteamentos – além de aspectos sociais, políticos e econômicos que permeiam todos estes fatores conjugados e que são abordados neste estudo, apoiado em pesquisas bibliográfica e de campo, apresentando mapas específicos para Tiradentes, bem como sua análise geográfica.

Palavras-chave: Gentrificação, Formação urbana, Centro e periferia.

Abstract

Tiradentes has appeared at the Caminho do Ouro (Golden Way), in 1702. After this phase and the end of gold, there is an economic decline turning a city with its low buildings and wide urban voids causing a decrease in number of inhabitants. However, this fact has preserved its historical and architectural heritage becoming the city attractive. Therefore, the economic hegemony was established through tourism, getting stronger since 1980s. Tourism opens and marks a period that the changes have accelerated and nowadays are leading to formation of the city immigration, enhancement of the property, issues of gentrification in the center, blending in peripheral urban expansion – besides social, political and economic aspects that permeate all these combined factors and are addressed in this study supported by literature search and field, showing specific maps to Tiradentes, as well as its geographic analysis.

Key words: Gentrification, Urban formation, Center and periphery.

Resumen

Tiradentes apareció en el Caminho do Ouro, en 1702. Después de esta fase y el final del oro, hay una decadencia económica, dejando la ciudad con edificios bajos y amplios espacios urbanos, hasta el momento de haber el declive de la población. Sin embargo, ello ha sabido conservar su patrimonio histórico y arquitectónico, haciendo de la ciudad atractiva para muchos sectores. Por lo tanto, la hegemonia económica se implanta a través del turismo, cada vez más fuerte desde 1980. El turismo abre y marca un período en el que los cambios se han acelerado y que se han estado llevando a cabo la formación actual de la ciudad: la inmigración, el encarecimiento de los inmuebles, las cuestiones de ennoblecimiento en el Centro, la expansión periférica urbana en los asentamientos – además de lo social, lo político y lo económico que impregnan todos estos factores combinados y que se discuten en este estudio, apoyado por investigaciones bibliográfica y de campo, presentando mapas específicos para Tiradentes, así como su análisis geográfico.

Palabras-claves: Ennoblecimiento, Formación urbana, Centro y periferia.

(*) Prof^ª. Msc. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Sudeste de Minas Gerais - Rua Monsenhor José Augusto, 204, CEP: 36205-018, Barbacena (MG), Brasil. Tel.: (+55 32) 3693 8625 - helcio.campos@ifisudestemg.edu.br

INTRODUÇÃO

A formação urbana de Tiradentes foi dividida em dois momentos: antes e depois do advento do turismo. O primeiro, até o final da década de 1970, mostra uma cidade que viveu o apogeu e a decadência da atividade mineradora e da pecuária até meados do século XX, quando, logo em seguida, já nas décadas de 1960 e 1970, o turismo começava a despontar na cidade, mas ainda ténido. O segundo momento, derivado da hegemonia econômica que foi implantada via atividade turística, que suplanta a timidez das décadas anteriores e se fortalece a partir dos anos 1980. O turismo inaugura e marca um período em que as modificações foram aceleradas e que vêm conduzindo a atual formação socioeconômica e espacial de Tiradentes.

Portanto, a cidade teve o século XX marcado pela lentidão das transformações espaciais até a sua primeira metade; viveu um período de transição compreendido nos anos 60 e 70; e uma aceleração já no final do século XX, notadamente a partir da década de 1980. A partir daí começa a surgir uma combinação de fatores e atores que mudarão a feição do Centro de Tiradentes – abrindo os processos de revitalização e gentrificação – os quais serão focados em seção própria neste texto, após conhecermos como ocorreu a recente formação intra-urbana de Tiradentes (junto com o seu respectivo aspecto socioeconômico) que está, de forma inequívoca, relacionada aos processos supramencionados.

BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO URBANA TIRADENTINA

A apresentação resumida da formação intra-urbana de Tiradentes objetiva preparar para a compreensão mais apurada das transformações ocorridas na sua área central, agindo como um saber tributário. Contudo, é importante darmos uma visão conjunta (e não só do Centro) da evolução urbana de toda a cidade, a fim de sabermos as mútuas relações entre as diferentes partes de Tiradentes e os atores sociais que compõem esta questão cambiante interna Centro-bairros.

A atual cidade de Tiradentes foi fundada em 1702, como consequência da descoberta, pelos paulistas, de jazidas auríferas nas encostas de uma serra que foi denominada mais tarde de São José. Assim, teve seu crescimento associado com o Rio das Mortes - via de penetração e que ganhou este nome devido aos corpos jogados no rio no embate entre indígenas e paulistas - se estruturando de forma longilínea e com edificações térreas (CAMPOS, 1998, p.93). O eixo primitivo de ocupação de Tiradentes definiu-se da matriz de Santo Antônio, “colocada em plateau”, no início da rua da Câmara, onde encontra-se a Casa da Câmara. O assentamento urbano de São José seguiu o padrão geral dos povoados mineiros, que acompanhavam os acidentes topográficos dos terrenos e sem um plano urbanístico fixo.

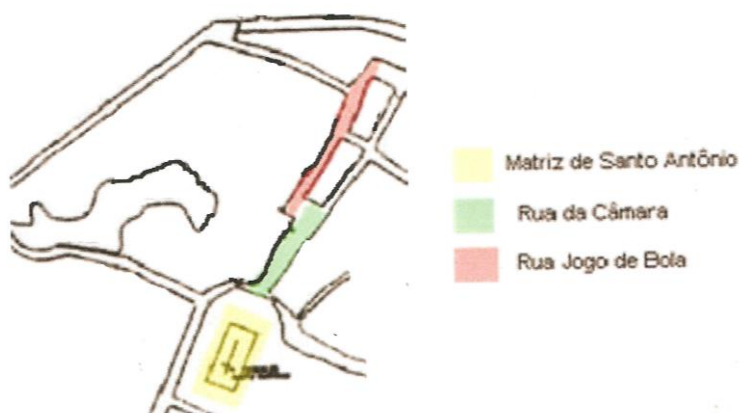


Figura 1 – Núcleo inicial de Tiradentes no século XVIII.

Fonte: CAMPOS, 2006, p. 26.

Primeiramente, predominaram as edificações térreas, evoluindo logo depois, já na segunda metade dos setecentos, para a construção dos sobrados com funções comerciais e residenciais. Entretanto, deve-se ressaltar que foram as edificações religiosas e públicas que determinaram os arruamentos e a teia urbana. Data do século XVIII, a definição urbanística da futura cidade de Tiradentes (Figura 2), onde a maior concentração de edificações se dava ao longo da via principal, que saía da Matriz em direção ao Chafariz.

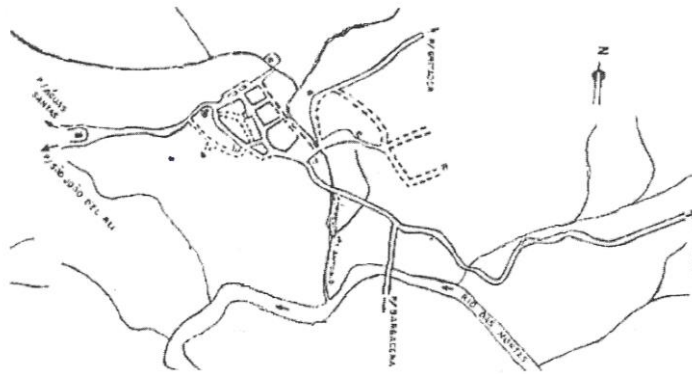


Figura 2 – Tiradentes: situação urbana do século XVIII até metade do século XIX
Fonte: FJP, 1980.

Durante parte do século XIX Tiradentes sofreu uma grande estagnação econômica. Os moradores começaram a se dedicar à agricultura, à criação de animais e ao artesanato de prata (PELLEGRINI FILHO, 2000, p.30). No início do século ocorre um refluxo populacional na Vila de São José e o modo de vida da população tornou-se basicamente rural, ao contrário do período de apogeu com o ouro, em que aflorava a vida urbana.

Em 1860, Tiradentes passou a ser considerada cidade e ganhou esse nome após a Proclamação da República, em homenagem ao mártir da Inconfidência Mineira, Joaquim José da Silva Xavier. A cidade permaneceu estagnada economicamente do início do século XIX até a segunda metade do século XX. De 1816 a 1827 houve uma desvalorização de cerca de 40% dos imóveis urbanos, chegando a perder a categoria de vila em 1848 (quando esteve subordinada a São João del Rei, que se tornara cidade desde 1838), logo recuperada em 1849 (CAMPOS, 2006, p.38). No último quartel do século XIX, com a implantação da estrada de ferro, houve uma alteração da estrutura física da cidade, que se expandiu em direção ao novo equipamento urbano instalado.

Registra-se que muitas casas foram fechadas e que muitos habitantes da Vila de São José migraram para São João del Rei, que se desenvolvia devido ao crescimento do comércio (ARAÚJO, 2004, p.9). Tiradentes entrou no século XX em franca decadência. Em 1900, a cidade possuía 11 ruas e 5 praças. A população, que nos tempos abastados chegara a mais de 4.000 habitantes, foi reduzida a apenas 1.236 moradores em 1920 (CAMPOS, 2006, p. 39).

A decadência econômica deixou seus bens culturais em total abandono: pessoas demoliram casas e os casarios estavam em ruínas, desvalorizados. Entretanto, as características arquitetônicas estavam intactas. Em 1938, o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) promoveu o tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico de Tiradentes (ROCHA, 1998, p.31), na esteira do Movimento Modernista, que alavancou a discussão interna no Brasil a respeito da cultura nacional, da necessidade de preservação da memória e do patrimônio. Foi nesse contexto que os modernistas estiveram em Tiradentes. Por causa desta decadência econômica as manchas urbanas dos séculos XVIII-XIX e de 1939 têm muitas semelhanças.

As transformações urbanas seguiram pontualmente a partir da virada do século XIX para o XX até o tombamento pelo SPHAN: exemplares com influência da arquitetura modernista, na rua Henrique Diniz, ou a construção neocolonial do Largo das Forras, provavelmente da década de 1920, fizeram-se notar (IPHAN, 1997, p.24).

É perceptível, portanto, que as transformações concentraram-se não no núcleo urbano consolidado no século XVIII, mas nas suas bordas, integrando-se lentamente no núcleo setecentista.



Figuras 3 e 4 – A Rua Direita em 1940 e na atualidade.
Fonte: CAMPOS, 2006, p. 41.

Nas décadas de 1960 e 70, Tiradentes passa a conhecer uma outra atividade econômica, essa perdurando até os atuais dias: o turismo. Inicialmente, 30 casas foram recuperadas. Depois, em convênio com a Fundação Roberto Marinho, outras casas foram recuperadas, incluindo o Solar dos Ramalhos, que hoje abriga a sede da própria SAT (Sociedade de Amigos de Tiradentes) e também do IPHAN. Já a partir da década de 1960, com o asfaltamento do acesso principal de Tiradentes até o trevo da BR-265, ocorreu uma intensa ocupação a nordeste e sudeste do núcleo antigo, compreendendo as atuais áreas dos bairros Cascalho, Parque das Abelhas e Cuiabá.

Os caminhos de acesso à cidade e a presença de vazios no entorno das edificações implantadas fora do contexto urbano mais imediato (as igrejas de São Francisco de Paula, das Mercês, da Santíssima Trindade e o Chafariz) tiveram ocupação mais recente ou permanecem ainda sem

ocupação. Para essas áreas, a hipótese (IPHAN, 1997, p.27) é a de que, caso tenha havido uma ocupação primitiva, ela teria sido frágil ou rarefeita, não tendo chegado ao início do século XX.

O turismo já se incorporava como atividade central na economia local, respondendo pela densidade de ocupação descrita anteriormente, além do fenômeno da gradativa saída da população nativa do Centro Histórico, em direção à periferia. A densidade de habitacional bruta da cidade, em 1980, era: no Centro, de 26 hab./ha; no Pacu, de 11 hab./ha; nos bairros Cascalho e Cuiabá, de 30 hab./ha; e na Várzea de Baixo, de 28 hab./ha. Segundo relato de 1980, da Fundação João Pinheiro, o número de edificações desabitadas no Centro Histórico era grande, sendo parte delas bens em espólios ainda não solucionados.

As próximas documentações cartográficas mostram que a cidade de Tiradentes sofreu uma expansão para nordeste e sudeste, se comparada com o mapa de 1960. As regiões sul e sudeste de Tiradentes eram as que mais cresciam – conforme a tendência indicada pela FJP, em 1980 – incidindo sobre os bairros Várzea de Baixo, ao sul, e Alto da Torre, a sudeste.

As tendências “tradicionais” de ocupação nas direções sul, sudeste e nordeste de Tiradentes, já delineadas nos mapas de 1939, 1960 e de 1980, apresentados anteriormente, apontam para uma intensificação de crescimento ao longo dos anos de 1980, 1990 e 2000. Portanto, o crescimento horizontal experimentado por Tiradentes, promoveu uma notável expansão espacial num eixo de 180° que corre em sentido horário, a partir do norte: do Centro – no Cascalho –, passando a nordeste, leste, sudeste e sul, englobando os seguintes bairros: Parque das Abelhas, Cuiabá, Alto da Torre e Várzea de Baixo, este último já na saída para a BR-265, acesso para São João del Rei e Barbacena.

No entanto, as décadas de 1980 e 1990 marcaram um crescimento do espaço urbano de Tiradentes para o lado oposto a esse “hemisfério leste de expansão”. Assim, nas imediações da histórica Igreja da Santíssima Trindade cresceram os bairros do Pacu – ainda nas proximidades do Centro – e da Mococa –, este mais distante, a sudoeste.

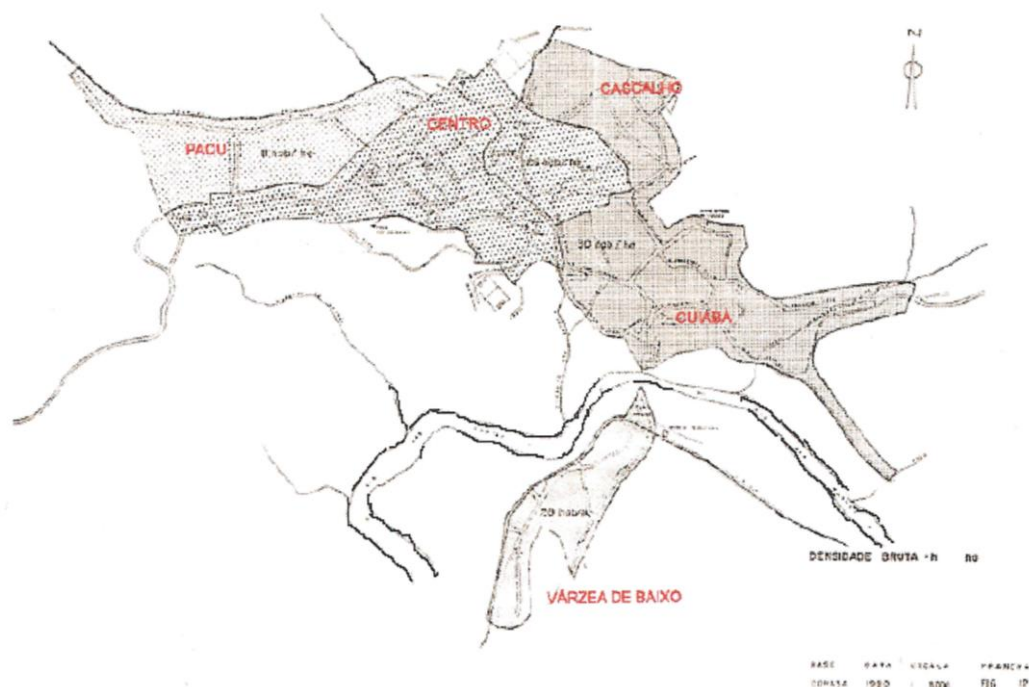


Figura 5 – Tiradentes: densidade demográfica em 1980.

Fonte: FJP, 1980.

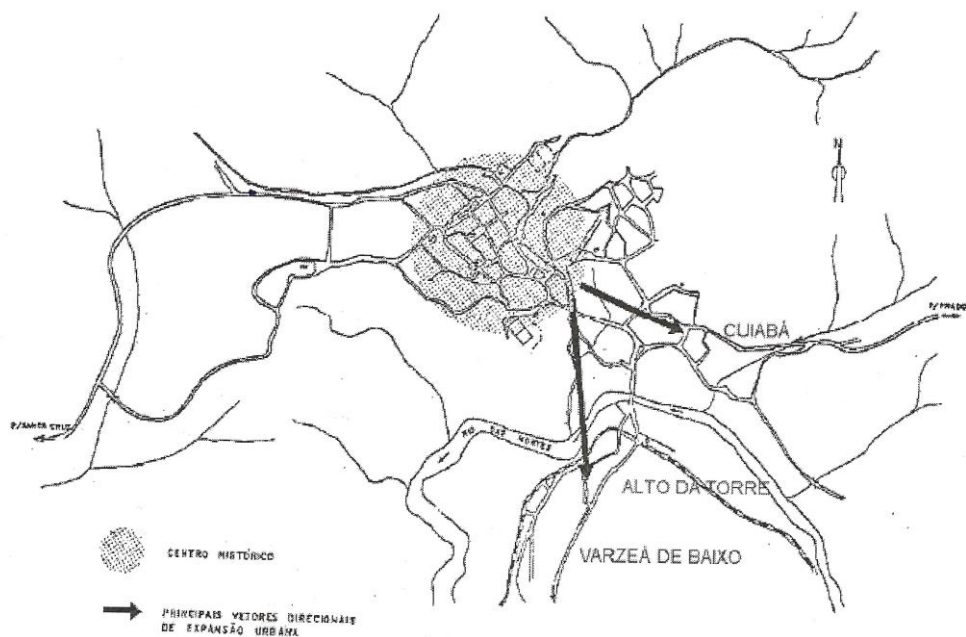


Figura 6 – Tiradentes: eixos de expansão urbana em 1980.

Fonte: FJP, 1980.

Portanto, das áreas urbanas contíguas ao núcleo histórico setecentista, nota-se uma expansão acelerada em quase todas as direções, a exceção da região a noroeste do Centro, a última ainda não ocupada, até porque aí é o local onde o sítio tende a ser mais acidentado, pela presença da Serra de São José.

AS FAIXAS DE OCUPAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES DA/NA ÁREA CENTRAL

O termo “faixa de ocupação” refere-se aos locais dentro da área urbana de Tiradentes que foram ocupados de forma espontânea ou planejados, mas que não possuem uma delimitação precisa. Foram analisadas apenas as áreas contínuas ao núcleo histórico, que têm uma representatividade maior, se comparadas com os bairros descontínuos - Águas Santas e César de Pina, separados pela Serra de São José.

A população urbana de Tiradentes está distribuída em 10 faixas de ocupação, denominadas pela tradição local como: Alto da Torre, Canjica, Cascalho, Centro, Cuiabá, Mococa (cujo nome oficial, de acordo com Prefeitura Municipal, é Recanto da Serra), Pacu, Parque das Abelhas, Santíssima Trindade e Várzea de Baixo.

As faixas da Santíssima Trindade e da Canjica são muito estreitas e de pequena extensão. Elas estão inseridas no crescimento dos bairros adjacentes. Assim, a expansão da SS. Trindade pode ser observada através dos bairros da Mococa e Pacu; enquanto a Canjica está encravada no Parque das Abelhas. Além do mais, Santíssima e Canjica não estão recebendo novos loteamentos (CAMPOS, 2006, p.137).

Tabela 1 - População dos bairros de Tiradentes-MG, 2004

Nº	Bairro	Habitações	Habitantes
1	Cascalho	355	800
2	Cuiabá	258	729
3	Várzea de Baixo	208	574
4	Centro	380	483
5	Mococa	189	432
6	Alto da Torre	191	378
7	Parque das Abelhas	164	374
8	Pacu	120	358
9	Santíssima Trindade	154	328
	Somatório	2019	4456

Fonte: Prefeitura Municipal de Tiradentes-MG, 2005.

Segundo Olinto dos Santos Filho, pesquisador do IPHAN - Seção Tiradentes, a maioria das faixas de ocupação tem origem no final do século XVIII, a partir da implantação de importantes monumentos como a Igreja de São Francisco de Paula, a Igreja da Santíssima Trindade e a Igreja de Santo Antônio do Canjica, que deram origem a ocupação das áreas conhecidas como Alto São Francisco (cuja expansão deu origem ao bairro do Cascalho), Santíssima Trindade e Canjica.

Apesar da origem setecentista, tais faixas só foram adensadas na década de 1970, de forma espontânea na Santíssima e na Canjica, e no Cascalho através de loteamento regularizado pela Prefeitura Municipal de Tiradentes. Esses locais têm, até hoje, como principais marcos em suas paisagens urbanas, as igrejas que deram origem à sua ocupação.

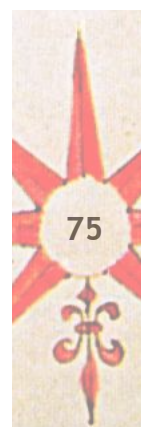


Figuras 7 e 8 – As igrejas da Santíssima Trindade e de Santo Antônio do Canjica.

Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000: p. 10E

CENTRO HISTÓRICO

O Centro é caracterizado pelo conjunto tombado do casario setecentista e também pelo eixo adensado posteriormente, que liga o núcleo histórico até a Estação Ferroviária. O uso das edificações é predominantemente voltado para a atividade turística. Dos 219 imóveis utilizados para fins



comerciais na área urbana, 117 encontram-se no centro: 42 pousadas e hotéis, além de 38 restaurantes e 37 lojas (CAMPOS, 2006, p.148).

Além da atividade comercial, o Centro é o cenário dos vários eventos turísticos realizados na cidade. Além dos eventos tradicionais, como a Semana Santa e o Carnaval, foram criados na década de 1990 vários atrativos com o objetivo de uniformizar o índice de frequência de visitação à cidade, como a Mostra de Cinema e o Festival de Cultura e Gastronomia. Dentre tais eventos, os de maior porte são o Carnaval e a Mostra de Cinema, que atraem entre 30 e 40 mil visitantes cada, o que corresponde a aproximadamente 4 a 5 vezes a população municipal, estimada em 7.143 habitantes em 2012, chegando a quase 8 vezes a população urbana, com 5.375 moradores em 2010 (IBGE).

Segundo reportagem de José Edward, da revista *Veja* (2002), 80% do casario do núcleo histórico de Tiradentes pertencem aos “ETs” (extratiradentinos), onde a valorização dos imóveis aumentou 400% em 10 anos, sendo que a maioria não é mais de uso residencial (p.74). As imobiliárias da cidade trabalham, atualmente, com preços em torno de 500 mil reais para imóveis nos bairros imediatos ao Centro e de até mais de 1 milhão no próprio Centro, como este: “Linda casa no centro histórico de Tiradentes com 02 suites grandes, sala, atelier com lareira, banheiro social, cozinha, sala de tv, quintal com jardim, canil acabamento todo em madeira de demolição. Valor R\$1.300.000,00” (JL Imóveis, 02 jun. 2011). A mesma imobiliária postou venda de “lote de 1.500 m² no centro da cidade todo plano 70% todo murado pomar formado. Valor R\$ 375.000,00” (JL, 14 fev 2011) e de “lote com 800 m² no centro histórico com vista para serra. Valor R\$800.000,00” (JL, 26 out 2010). Os valores venais praticados na pequena Tiradentes dão mostra da valorização imobiliária na cidade e de suas consequências, como a dificuldade de obtenção da casa própria, o problema de acesso aos serviços urbanos – concentrados nos bairros centrais e, logo, mais caros – e a especulação. Esta última questão passa a ser exemplificada a seguir.

Nesse sentido, é possível apresentar o exemplo do loteamento da iniciativa privada chamado “Quinta Imperial”, lançado em 2004 e com mais de 300 mil m², mas sob embargo, devido a mobilização do IPHAN junto ao Ministério Público, alegando que essa obra descaracterizaria o conjunto paisagístico da área conhecida como Várzea do Cacheu (lê-se Cachêu), onde nasceu o poeta Basílio da Gama. Segundo o IPHAN, não houve a apresentação de estudo de impacto ambiental – uma exigência do IBAMA – e nem a comunicação ao escritório do IPHAN em Tiradentes.

A Justiça Federal de São João Del Rei proferiu sentença na Ação Civil Pública 2006.38.15.001711-4 e condenou o proprietário do empreendimento a regularizar imediatamente a implantação do loteamento, bem como a compensar os danos ambientais causados pelas obras iniciadas sem prévia anuência de órgãos federal e estadual. As obras executadas pelo empreendedor acabaram resultando na descaracterização da área de entorno de um dos conjuntos urbanísticos setecentistas mais importantes do país, nas proximidades da Igreja da Santíssima Trindade, além de graves danos ambientais, entre eles a supressão vegetal em área de preservação permanente, o reaparecimento de imensas voçorocas e o completo assoreamento da Lagoa do Cacheu, um espaço que era tradicionalmente utilizado pela população para a pesca e outras atividades de lazer. O Ministério Público Federal sugeriu que o proprietário indenizasse a população de Tiradentes com a criação de um parque municipal onde existia a Lagoa do Cacheu (MPF, 2011). O proprietário, contudo, ainda briga pela retomada do loteamento Quinta Imperial.





Figura 9 – Loteamento Quinta Imperial

Como síntese, o mapa a seguir permite visualizar a ocupação de Tiradentes nos séculos XVIII, XIX, XX e início do XXI, considerando os fatores já demonstrados até aqui.

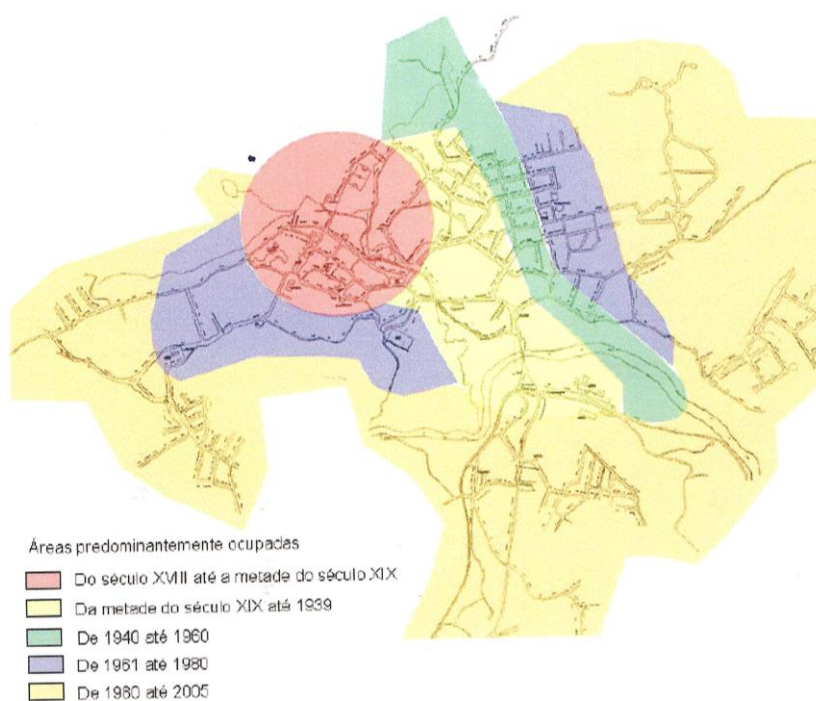


Figura 10 – Tiradentes: ocupação cronológica (1702-2005)
Fonte: CAMPOS, 2006, p.129.



O CENTRO HISTÓRICO: restauração, revitalização e gentrificação incompleta

A situação encontrada na cidade, de valorização imobiliária, tem explicação em décadas anteriores, sobretudo a de 1980, quando a cidade e, em especial, o Centro Histórico, passou por uma “campanha” de valorização de seu patrimônio, envolvendo a ação dos governos do Município, do Estado e da República, em conjunto com entidades da própria cidade e outras de fora, responsáveis por um grande aporte de capitais em Tiradentes, multiplicando a chegada de turistas e de seus recursos; atraindo migrantes de várias partes do país; “vendendo” a imagem da cidade pelo país.

Na década de 1980, é possível perceber os investimentos que foram feitos em Tiradentes, através das referências a ações e projetos que visavam a preservação e o embelezamento da cidade, desenvolvidos pela SPHAN, em parceria com a Prefeitura, com o Governo do Estado e através da Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, com o Governo Federal. Tais ações e projetos explicitam o fato de a preservação ter sido utilizada como parceira para o desenvolvimento turístico da cidade e região. “A maioria dos casarios foi transformada em hotéis, pousadas, restaurantes, lojas de artesanato e museus; poucos ainda são mantidos como residência. A população local, percebendo a valorização dos imóveis do Centro Histórico, passou a alugá-los ou vendê-los para os forasteiros e mudar-se para a periferia” (CAMPOS, 2006, p. 51).

Destaca-se ainda, neste mesmo período, a atuação da Fundação Rodrigo Mello de Franco Andrade que, com o apoio do então governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro, e de Yves Alves (ex-diretor da TV Globo Minas) consegue verbas da iniciativa privada para a recuperação de importantes imóveis da cidade, como a antiga Câmara Municipal, hoje Fórum; a Casa do Padre Toledo e a antiga Cadeia, hoje museus. Realizou ainda a restauração do órgão renascentista da Matriz de Santo Antônio, que estava desativado há décadas. A igreja do Bom Jesus da Pobreza, localizada no Largo das Forras, foi recuperada recentemente, em 2005 e 2006 (CAMPOS, 2006: p. 49). Assim, as revitalizações que eram pontuais, inicialmente – semelhante ao caso da primeira onda gentrificadora de Nova York, relatado por Smith (2006) – passaram a disseminar pela região central como um todo.

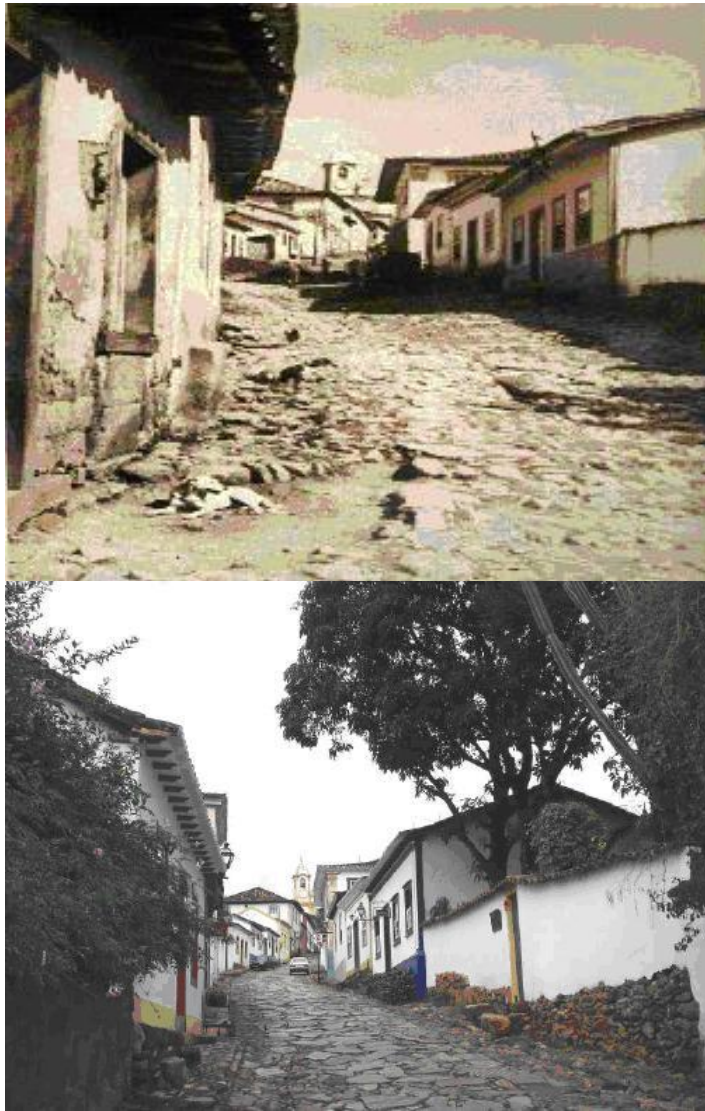
A obra de maior destaque do período foi a instalação de uma rede subterrânea de energia elétrica para adaptação da iluminação pública, eliminando a poluição visual causada por postes e fiação elétrica aérea. Essa obra foi realizada em parceria com o Governo do Estado, através da Companhia Energética de Minas Gerais, a CEMIG.

A ação conjunta dos setores privado e público na cidade, através de investimentos que promoveram a sua preservação e a implantação de equipamentos turísticos, ressaltaram os atrativos de Tiradentes, proporcionando sua real inserção em diversos roteiros turísticos regionais e até nacionais. Isso resultou em grande divulgação da cidade nas revistas especializadas.

É justamente com esses ingredientes – restauro, revitalização e requinte – que a cidade vai passar a conhecer novas situações: a migração e a gentrificação “incompleta”. Tudo isso a partir de um marco radial: o Centro Histórico. Primeiramente, é preciso esclarecer o significado dos termos restauração, revitalização e gentrificação, que estão associados ao recente processo de mudança do Centro e que influenciou toda a Tiradentes, situações que serão desenvolvidas a seguir.

De acordo com Eduardo Yázigi (2005, p. 87), a restauração é “um complexo e sofisticado trabalho de redevolver forma original nos menores detalhes a uma obra de arte ou edifício”. Como está relacionada a gastos elevados, a restauração envolve comumente a participação de empresas privadas, exatamente como se procedeu em Tiradentes.





Figuras 11 e 12 – A Rua da Câmara em 1942 e em 2007.
Fonte: ZOLINI, 2007, p. 134-135.

Já a revitalização liga-se a “(...) uma nova vida no edifício ou no espaço urbanístico, (...) e pode se extravasar para o entorno, por contágio” (YÁZIGI, 2005, p.84). O que o autor chama de “nova vida” diz respeito a “nova função” que surge daí. É isso que explica porque o jornalista José Edward (2001, p.74), ao falar do casario do núcleo histórico, diz que “a maioria não é mais de uso residencial”. Eduardo Yázigi afirma que

A revitalização, acontecendo em áreas já ocupadas, ocorre, de praxe, em lugares historicamente mais sedimentados. Eis porque a revitalização costuma valorizar a dimensão humana; o patrimônio histórico e ambiental; a simbologia, e por consequência, o turismo também. Todavia, na medida em que esses tipos de mais-valia têm grande aceitação popular, a fórmula mais frequente se dá através de parcerias do poder público com empresas que usam a revitalização como marketing cultural (2005, p.84).

Assim, com todo o aporte de capitais que revitalizou o Centro Histórico e levou Tiradentes para os roteiros turísticos do país, a especulação veio na esteira de tais mudanças e trouxe consigo mais uma característica para a agitada vida tiradentina: a intensificação da chegada de novos moradores.

As décadas de 1960 e 1970 marcam a chegada de imigrantes, até estrangeiros, em Tiradentes, atraídos pela aquisição de móveis e outros objetos antigos e de imagens sacras. Porém, os estudiosos da cidade citados neste artigo, apoiados em dados de entidades como o IBGE e a Fundação João Pinheiro, além da própria Prefeitura Municipal, indicam que o período maior de imigração ocorreu a partir dos anos 1980. Mineiros, paulistas e fluminenses compõem os grupos que mais aportaram em Tiradentes que, com o seu requinte e “ares” de cultura, atraiu intelectuais, artistas plásticos etc., mudando não somente o perfil demográfico da cidade, mas também suas características socioculturais. Contudo, a escolarização média dos tiradentinos ainda é baixa: 73% dos responsáveis familiares tinham apenas até o ensino básico (sendo que 29% incompletos) e 7% contavam com ensino superior (CAMPOS, 2006, p.115).

Como a revitalização é uma operação que exige grandes investimentos (oficiais, privados ou mistos), frequentemente se presta à especulação. “Os antigos ocupantes, costumeiramente incapazes de arcar com os ônus das reconstruções, se veem forçados a mudar para lugares mais baratos”, avalia Eduardo Yázigi (2005, p.85). Entretanto, o que ocorreu em Tiradentes foi um caso em que a especulação foi sua grande chancela: os antigos moradores do núcleo histórico venderam ou alugaram suas valorizadas casas para os imigrantes, que usaram-nas para fins domiciliares e comerciais. Isso provocou um duplo movimento de residentes no espaço intra-urbano de Tiradentes: a periferia da cidade recebeu a população nativa que negociou suas casas com os imigrantes; e estes, que passaram a ocupar as áreas de maior valorização imobiliária e de maior acessibilidade aos fluxos de turistas no Centro Histórico, que se transformou eminentemente em uma região comercial, em detrimento de seu antigo uso, o residencial. Segundo Beaujeu-Garnier (1980, p.307), “A preocupação de restaurar os bairros antigos (...) escorraça impiedosamente os habitantes menos afortunados” - ou pode trazer enriquecimento para outros (como em Tiradentes) - mostrando como o espaço pode ser concomitantemente cambiante em termos migratórios e econômicos.

Em função dessa enorme valorização e do crescente fluxo de turistas, o equipamento urbano de Tiradentes tende a se concentrar nas imediações do núcleo central. As pessoas que migraram para a periferia, perderam quase tudo que dispunham de benefícios que uma área privilegiada da cidade disponibiliza. Nesse caso, portanto, não é só a distância que se torna um problema.

Por último, faz-se necessário avaliar como se deu o processo de gentrificação em Tiradentes. O termo gentrificação vem de “gentry” que, na Inglaterra, é o segmento social posicionado logo abaixo da nobreza. O termo foi usado originariamente pela socióloga Ruth Glass em seu estudo sobre Londres, em 1964, quando percebeu a “invasão” de alguns de seus bairros operários por parte das classes médias (RIGOL, 2005, p.99). À medida em que ocorria essa troca de população, as formas também trocavam de conteúdo: as edificações ganhavam novas funções sociais, alterando ainda seus valores simbólicos e venais. A população que ocupava esses lugares

(...) de poucos recursos econômicos e culturais é expulsa e substituída por uma outra com altos recursos econômicos e culturais, as velhas moradias são reabilitadas e renovadas, novas lojas, restaurantes, galerias de arte e bares se estabelecem em espaços antes ocupados por negócios tradicionais que permitem a subsistência dos antigos moradores (RIGOL, 2003 apud LEMOS, 2005, p.123-124).

Heitor Frúgoli Jr. - apoiado nos estudos de Harvey, Anderson e Zukin - afirma que a

(...) gentrification - ou “enobrecimento” -, [é o processo] em que geralmente áreas centrais da cidade são revitalizadas e passam a ser habitadas por grupos sociais de maior poder aquisitivo, com tendência à criação de novos enclaves residenciais e à expulsão dos moradores originais, de baixa renda ou de origem étnica distinta daquela dos novos moradores (2000, p.22).

Existem alguns enfoques acerca dos estudos de gentrificação, mas dois podem ser destacados, inclusive porque após serem produzidos, em caráter de oposição, agora são utilizados de forma integrada (RIGOL, 2005).

1º) O enfoque econômico, defendido, entre outros, por Neil Smith e sua teoria do rent gap. Segundo Smith (2006), o espaço central passa por um desinvestimento que cria, assim, a possibilidade de reinvestimento de capital. “O investimento nas áreas periurbanas em detrimento da região central, dominante no século XX, criou condições especiais de reinvestimentos sobre locais específicos do centro, tomando a forma de gentrificação” (SMITH, 2006, p.66). Isso criou a oportunidade de compra de lotes e imóveis baratos nos bairros centrais decadentes, em oposição à valorização dos subúrbios. Essa onda é identificada pelo autor como sendo a consolidação da gentrificação. O fenômeno não era mais uma anomalia local da cidade, como na onda anterior, mas um componente residencial singular, explorado pelo mercado imobiliário, ofertando a uma nova classe média emergente no quadro internacional, um espaço urbano condizente com seu perfil de jovens executivos, bem sucedidos no novo sistema globalizado da economia, os chamados yuppies (ZOLINI, 2007, p. 42).

Há ainda autores, como Sassen e Smith, que relacionam os atuais estágios de gentrificação com a escala da economia global, sobretudo com as principais cidades, as que assumem conexões científicas, comerciais, culturais etc., configurando raios de ação supranacionais. Desse modo, a cidade passa a ser um foco de investimentos que, tal como outro produto qualquer, assume uma extensão cada vez mais prolongada.

A incorporação do mercado urbano pelo mundo global começa a influenciar a realidade quase de modo ubíquo. O turismo é uma atividade pautada sobre o trinômio espaço-transportes-comunicações e, portanto, amplamente incorporado ao atual período tecnocientífico. Ao final do século XX, respondia por cerca de 10% da riqueza produzida no mundo e ocupou lugar destacado entre as principais atividades econômicas, ao lado dos setores de armas e de petróleo. Além disso, as últimas décadas produziram uma preocupação e discussões sobre os patrimônios histórico-cultural e natural (também presente em Tiradentes, sobretudo na APA da Serra de São José). Esses dois fatores citados – globalização do turismo e a questão dos patrimônios – respondem pela atração de turistas internacionais. Conforme a Secretaria Municipal de Turismo (2005), os europeus em conjunto – mas sobretudo com espanhóis, franceses, italianos e alemães – além de norte-americanos e argentinos, compõem os estrangeiros mais frequentes em Tiradentes, confirmando as tendências de atração ligadas à proximidade geográfica e aos níveis socioeconômico e cultural.

Quadro 1 - Características das ondas de formação da “gentrificação clássica”

Primeira onda	- gentrificação esporádica - impulsionada por pioneiros (arquitetos e artistas) - motivada por aluguéis baixos e boa infra-estrutura - gentrificador de fácil adaptação a modelo alternativo de vida
Segunda onda	- consolidação da gentrificação - impulsionada por promotores imobiliários e a chamada <i>rent gap</i> - investimentos privados motivados por financiamentos públicos - nova classe média, executivos que não se arriscam
Terceira onda	- gentrificação generalizada - impulsionada por política municipal - motivada pelo “sucesso da segunda onda” e políticas urbanas - nova classe média e média-alta, atores da globalização

Fonte: Smith, 2006 – Org. por ZOLINI, 2007, p.43



Assim, ao oferecer valores defendidos mundialmente, Tiradentes se inscreveu em definitivo na rota do turismo brasileiro e mundial, a exemplo de outras cidades históricas de Minas Gerais. Não por acaso, entraram no circuito da aviação comercial brasileira: existem voos regulares para São João del Rei e Diamantina, administrados pela Trip-Azul.

2º) O enfoque cultural, assumido por David Ley. Para ele, a ocupação das áreas centrais pode ser explicada pela urban commodity, ou seja, a aspectos atrativos para a nova classe média, ocupada nos setores terciário e até quaternário, difíceis de se encontrar nas áreas suburbanas. Ley descreve que os pioneiros na ocupação das áreas centrais são comumente profissionais do mundo da arte, da mídia e outros ramos culturais, e que a maior parte tem algum tipo de grau universitário, embora possam ter limitação de capital. Por isso, à medida que o local incorpora valor imobiliário, os pioneiros tendem a ser excluídos em razão dos altos preços residenciais.

Ao longo de seu artigo, Sergi Martinez i Rigol (2005), indica que vários autores assinalaram uma dificuldade de fazer correspondência entre uma definição teórica de quem são os gentrificadores com a realidade de seus estudos. É nesse sentido que indica a ativação das observações empíricas para os estudos de caso.

O fato é que o processo de gentrificação ocorrido em Tiradentes não se encaixa exatamente nos estudos clássicos do tema – estes, apresentados por Bidou-Zachariasen (2006), ao longo de seu texto – pois não houve um processo de “abandono” e de desvalorização da área central, como se dá em grandes e até médias cidades, que passam a desenvolver os subcentros, tornando-se cidades polinucleadas. Deriva daí o termo gentrificação incompleta que está sendo utilizado neste trabalho. Guardadas as diferenças entre Tiradentes e metrópoles com gentrificações marcantes e com estudos consagrados, como Londres e Nova York, o fato é que o processo de enobrecimento dos centros atingiu toda a sorte de cidades e as várias partes do mundo. “A gentrificação foi um processo que se propagou por toda a hierarquia das cidades: ela não ocorre somente nas maiores, mas nos centros mais improváveis, tais como as antigas cidades industriais (...); em pequenas cidades” (SMITH, 2006, p.62). Tal diversidade de processos e de cidades possui, por si mesma, uma justificativa para um estudo específico, como este sobre Tiradentes.

Tiradentes apresenta, em sua recente história de ocupação do Centro Histórico, algumas características que convergem para a o processo de gentrificação. Dentre elas podem ser enumeradas:

- “(...) o que deveria ser explicado na gentrification era como se criavam as áreas suscetíveis ao processo, isto é, aquelas áreas com potencial de geração de lucro e sob quais condições” (RIGOL, 2005, p.106).

Embora a área central de Tiradentes tenha sido sempre a mais importante da cidade, não impediu seu “abandono” junto com a decadência econômica que assolou a cidade, sobretudo ao longo do século XIX e de grande parte do século XX. O aporte de capitais e os projetos para a revitalização do Centro Histórico originaram-se de várias fontes, desde empresas estatais, como a EMBRATUR, até empresas particulares, passando ainda pela participação do governo do Estado de Minas Gerais, através da nova iluminação pública implantada pela CEMIG, e da própria Prefeitura Municipal. Há ainda que se destacar a contribuição do IPHAN, da Fundação Roberto Marinho, da SAT e da Fundação Rodrigo Franco de Mello Andrade.

Portanto, o Centro Histórico de Tiradentes foi visto por uma série de entidades e empresas como uma área com enorme potencial de lucro, como assinala a frase de Rigol apresentada anteriormente.

- “Nunca é demais lembrar que pela lógica histórica, os centros antigos guardam a memória da cidade e, só por isso, já representam um espaço de significativo valor simbólico para a mesma”. É dessa forma que “a sociedade, ao construir as formas materiais de uma cidade, suas condições de existência, também produz no seu imaginário suas representações simbólicas” (SCARLATO, 2005, p.132).



A indagação de Rigol expressa em “sob quais condições” uma área se torna gentrificada, precisa apenas ter a interlocução com Francisco Scarlato. Parece evidente que a cidade se desenvolve baseada em duas grandes sendas: a econômica, com a revitalização do Centro; e a outra, responsável por essa primeira, derivada do grande valor cultural e simbólico que está impresso na paisagem da cidade e de seus habitantes, sobretudo porque tudo isso – revitalização e patrimônio histórico e arquitetônico – criou as condições de intensificação do turismo na cidade, representando um alívio para a população local, vítima de décadas anteriores de estagnação econômica.

- “A população local vai aos poucos se afastando em direção às áreas situadas em sua periferia”. Portanto, há um “esvaziamento do núcleo histórico em favor das novas áreas de expansão” (FJP, 1980, p.63).

“O valor histórico e artístico do conjunto se traduziu também numa crescente valorização dos imóveis neste setor, que aos poucos vão sendo adquiridos por pessoas de fora, de maior poder aquisitivo, sendo utilizados esporadicamente como residências de fins de semana, fechadas a maior parte do tempo. A importância turística do núcleo induziu ali o aparecimento de comércio e serviços voltados quase que exclusivamente para o atendimento externo” (FJP, 1980, p.66).

De fato, como sugerem essas frases e as outras anteriores, o lucro advindo de investimentos na área central de Tiradentes, tornou a cidade um polo receptor de turistas, tendo seu apogeu a partir das décadas de 1980 e 1990. A consolidação dos eventos turísticos nos anos 90 endossou a atratividade da cidade.

Dentre tais transformações destaca-se a chegada dos imigrantes, os ETs. A frase acima, que abre esse tópico, indica que a população local troca o Centro pelos bairros periféricos em expansão, ao vender e alugar suas casas nas áreas centrais em favor dos imigrantes. Aqui está mais um ponto em que a gentrificação em Tiradentes é incompleta, pois não houve a ocupação de um centro deteriorado ou coisa congênere, mas sim de uma área que sempre foi a referência para os tiradentinos desde a criação da cidade, no início do século XVIII, conforme endossa o breve histórico já apresentado. Contudo, este processo protagonizado pelos imigrantes apresenta semelhanças com o caso clássico de gentrificação abordado como a primeira onda, por Smith (2006).

Por outro lado, há uma característica local que se adapta totalmente aos estudos clássicos de gentrificação: a nova população instalada possui uma escolarização e nível de renda superiores ao da população local. Nesse sentido, Eduardo Yázigi (2005, p. 87) afirma que para que ocorra a gentrificação “é preciso que certos fatores se modifiquem (...): em primeiro lugar, é necessário que exista segregação social e residencial”. Ele alerta para o fato de que o processo “repercute em toda uma área ou todo um bairro”. Por isso, é possível indicar um transbordamento para as regiões pericentrais de Tiradentes, ainda que sua população e sua área sejam restritas, como ocorreu no loteamento Quinta Imperial. Um componente importante na cidade é o da presença dos lotes vagos. Assim, os interstícios podem ser ocupados futuramente, intensificando os lucros dos agentes gentrificadores.



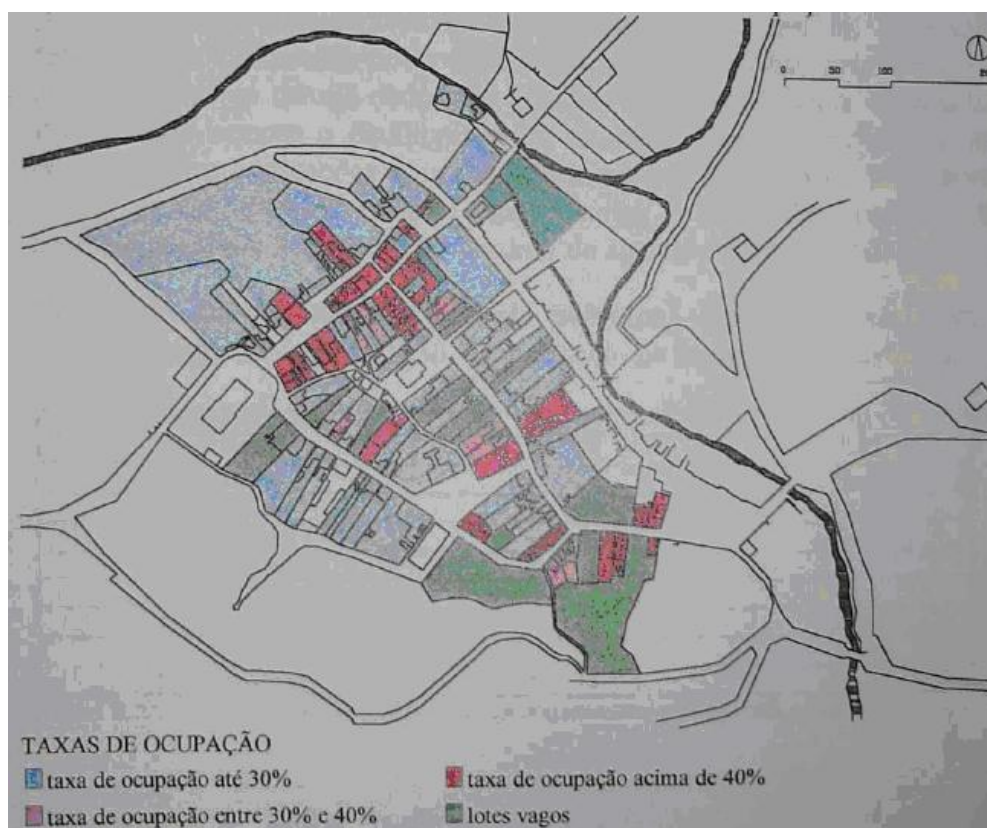


Figura 13 – Tiradentes: taxas de ocupação do solo urbano

Fonte: IPHAN. Fundamentos e proposta de critérios e normas de intervenção. 1994, p.31.

Por meio da intensificação dos investimentos advindos sobremaneira com o turismo, as demais “ondas” gentrificadoras (a 2ª e a 3ª ondas) vão aportar em Tiradentes de uma só vez, ampliando as escalas de conflitos e de transformações de seu território. A situação de rent gap invade o mercado imobiliário de Tiradentes, como já demonstrado, trazendo fortes chancelas, como o fenômeno das segundas residências, a migração para os bairros e a terciarização e a supervalorização do Centro.

Ao lado do enobrecimento criado, Tiradentes também apresenta demanda nos bairros por imóveis de menor valor que os do Centro e abrange os “nativos” da cidade (em oposição aos ETs). A tabela a seguir, contudo, mostra que a situação habitacional requer avanços, pois não existem Plano, Conselho e Fundo municipais de Habitação. Embora a Prefeitura Municipal de Tiradentes (PMT) tenha cadastro ou levantamento das famílias interessadas em programas habitacionais, não há qualquer identificação de idosos, negros ou indígenas, deficientes, número de dependentes por família, mulheres chefes de família, conforme os dados sobre Tiradentes no Perfil dos Municípios Brasileiros (IBGE, 2011). A PMT afirma que não há favelas, cortiços e loteamentos irregulares na cidade.

Neste mesmo trabalho do IBGE, é possível identificar outros problemas presentes em Tiradentes, como: não há política municipal de saneamento básico; não há programa de enfrentamento de exploração sexual de crianças e adolescentes no contexto do turismo; a cidade não possui farmácia popular e unidade de emergência (IBGE, 2011). Além disso, a brigada de combate a incêndios de Tiradentes é a dos Bombeiros Voluntários que, embora treinados pelos bombeiros militares, têm poucos membros e dificuldades financeiras e de logística, pondo em risco os patrimônios natural e histórico-arquitetônico.

Diante dessas últimas informações, é perceptível que a relação entre turismo e qualidade de vida não é direta, uma garantia de bem-estar. Por isso Tiradentes ocupava o 1.256º lugar na

lista do IDH-M entre 5.507 municípios, embora tivesse evoluído os itens sobre educação, renda e longevidade de uma edição (1991) para outra (2000) (CAMPOS, 2006, p.115).

Embora não seja possível universalizar, é possível afirmar que há uma disputa pela centralidade, principalmente naquelas cidades cuja distribuição espacial dos bens e serviços é marcada por forte desigualdade. É certo que podem surgir novas centralidades e com elas criadas vantagens, como as de tempo e as de transporte. Porém, o que é mais contundente nessas áreas centrais são as novidades introduzidas, guardadas as proporções, pois aqui não existe a intenção de se comparar Tiradentes com cidades de maior envergadura socioeconômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tiradentes vive entre a opacidade e a luz repentina que os eventos turísticos criam em certos momentos do ano. Isso faz da cidade um espaço dual, mas combinado, expresso aqui em algumas exemplificações: convivem, na cidade, os intelectuais e os artistas plásticos, com pessoas de baixa escolarização e que apenas conhecem as cidades mais próximas de Tiradentes; na gastronomia, a cidade convive com a simplicidade e a tradição da comida mineira, ao lado de restaurantes que reproduzem a cozinha internacional, de certos países; o comércio local vive a euforia dos eventos, principalmente, e também dos finais de semana, em oposição aos dias de semana, quando está voltado prioritariamente para a população fixa da cidade.

A atividade turística permeia necessariamente as observações e estudos acerca de Tiradentes, dada a sua grande influência socioeconômica local, que abrange a chegada de imigrantes; a modificação do modo e do ritmo de vida; a revitalização do Centro Histórico, com a consequente valorização dos imóveis concentrados nessa área e suas imediações; o aporte de capitais originários de outras cidades, estados e até países; a migração da população local para os bairros periféricos; a construção de hotéis de porte em locais mais tranquilos, longe do Centro Histórico; a gradativa criação de legislação específica, que regulamenta o uso e a ocupação do solo, ordenando a “vida socioespacial” de Tiradentes, o que futuramente confluirá na formação do plano diretor, ação fundamental para que Tiradentes possa se enquadrar como Patrimônio da Humanidade.

Os bens turísticos arquitetônicos de Tiradentes estão em estágio de desenvolvimento bem mais avançado do que os bens naturais, ecológicos. Prova disso é que, com o objetivo de agregar valor ao produto e proporcionar uma vantagem competitiva para a cidade, nota-se uma tentativa de tornar o cenário turístico de Tiradentes – leia-se atrativos histórico-culturais – um agente tangibilizador das sensações e emoções proporcionadas pela cidade ao turista. O cenário tem papel fundamental na palpabilização dos serviços turísticos prestados pela cidade, e tanto o IPHAN, como o poder público e a iniciativa privada têm investido e recuperado o conjunto histórico-arquitetônico de Tiradentes. O IPHAN e a Prefeitura Municipal lutam contra a sua descaracterização e contra projetos de construção de novas edificações no Centro Histórico, criando normas específicas para isso, através da Lei Orgânica do Município de Tiradentes, de dezembro de 2002, e da Lei de Uso e Ocupação do Solo e Código de Obras, de janeiro de 2004. O Plano Diretor está previsto na Lei Orgânica (2002, p. 51), mas ainda (dezembro de 2012) não está em vigor.

A Lei de Uso e Ocupação do Solo apresenta as seguintes diretrizes: organização do crescimento do distrito-sede e a preservação de seu patrimônio histórico, artístico e paisagístico; criação de cinco setores especiais, que compreendem as áreas non aedificandi, cada qual com sua especificidade (preservação patrimonial, preservação ambiental das margens dos rios, áreas sujeitas à inundação, terrenos com erosão, preservação paisagística e preservação de mananciais); a criação de quatro zonas que se subdividem em subzonas (em cada uma se definem os usos permitidos, os parâmetros para loteamentos, desmembramentos ou remembramentos, além de suas possíveis proibições) (CERQUEIRA, 2006, p. 126-127). Porém, o IBGE (2011) afirma não haver plano municipal de



redução de riscos e não têm sido feitas redes e galerias de águas pluviais e a renaturalização de rios e córregos.

A mesma velocidade peculiar do período técnico-científico e informacional que cria a dualidade identidade-estranhamento entre os habitantes da cidade, transforma também o espaço urbano: desse modo, Tiradentes conheceu, nas últimas décadas, uma periferia que cresceu populacional e espacialmente, além de um Centro que se sofisticou e encareceu, ao se consolidar continuamente como a “alma” da cidade, como a expressão do orgulho de manter um patrimônio que é admirado e, obviamente, consumido. Portanto, produzir e reproduzir a vida cotidiana e o espaço local, transformaram-se em sinônimos de mudança de estrutura e de funcionamento do espaço, com a possibilidade de uma espantosa e lépida redefinição dos locais de consumo e de investimentos, dentre tantas outras manifestações da aceleração contemporânea em Tiradentes.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARAÚJO, Márcia Maria. **Relações entre a comunidade local e a área histórica de Tiradentes-MG**. Dissertação de Mestrado – Departamento de Arquitetura, UFRJ, 2004.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. Introdução. In: BIDOU-ZACHARIASEN, C. **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006, p. 21-57.

CÂMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei de uso e ocupação do solo e Código de obras. Tiradentes, 2004.

CAMPOS, Helcio Ribeiro. **Transformações urbanas recentes em Tiradentes-MG: anos 80 e 90 do século XX**. Dissertação de Mestrado – Departamento de Geografia, USP, 2006.

CAMPOS, Maria Augusta do Amaral. **A marcha da civilização: as vilas oitocentistas de São João del Rei e São José do Rio das Mortes - 1810/1844**. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, UFMG, 1998.

CERQUEIRA, Letícia Mourão. **Patrimônio cultural, políticas urbanas e de preservação: os casos de Diamantina e Tiradentes - MG**. Dissertação de Mestrado – Escola de Arquitetura, UFMG, 2006.

FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez / EDUSP, 2000.

FJP - FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Plano de organização espacial e preservação do Centro Histórico de Tiradentes**. Vol. 1. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Planejamento, 1980.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos municípios brasileiros – 2011**. In: <http://ibge.gov.br/munic2011>. Acesso em 15 dez. 2012.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Projeto Piloto - Sítio histórico de Tiradentes**: fundamentos e proposta de critérios e normas de intervenção. Tiradentes, 13ª Coordenadoria Regional do IPHAN, 1997.

JL Imóveis. Anúncios. In: <http://www.jlmoveistiradentes.com.br/>. Acesso em 05 set. 2012.

MPF – Ministério Público Federal. **Justiça atende pedido do MPF e Tiradentes (MG) deverá ganhar parque municipal**. In: <http://mpf.jusbrasil.com.br/noticias/2693362/justica-atende-pedido-do-mpf-e-tiradentes-mg-devera-ganhar-parque-municipal>. Acesso em 28 dez. 2012.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Turismo cultural em Tiradentes**: estudo de metodologia aplicada. São Paulo: Manole, 2000.

RIGOL, Sergi Martinez i. A Gentrification: conceito e método. In: CARLOS, Ana F. e CARRERAS, Carles (Org.). **Urbanização e mundialização**: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005 (GEOUSP, vol. 4).

ROCHA, Izaura. **Breve história de Tiradentes**. Tiradentes, 1998.

SCARLATO, Francisco Capuano. “Revitalização do centro antigo: o espaço da memória de São Paulo”. In: CARLOS e CARRERAS (Org.). **Urbanização e Mundialização**: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005 (GEOUSP, vol. 4).

SMITH, Neil. “A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à ‘regeneração’ urbana como estratégia urbana global”. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006, p.59-87.

VEJA. Edição 1622, nº 44, 03-11-1999, p. 163.

YÁZIGI, Eduardo. “Funções culturais da metrópole: metodologia sobre a requalificação urbana do centro de São Paulo”. In: CARLOS e CARRERAS (Org.). **Urbanização e mundialização**: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005 (GEOUSP, vol.4).

ZOLINI, Gustavo P. de Pádua. **A inflexão do conceito de gentrificação em conjuntos urbanos patrimoniais em cidades de pequeno porte. Os casos mineiros de São Thomé das Letras e Tiradentes**. Dissertação de Mestrado – Escola de Arquitetura, UFMG, 2007.

Trabalho enviado em novembro de 2013

Trabalho aceito em dezembro de 2013

